

DESPORTO E EDUCAÇÃO *

René Maheu **

Faltando dois dias para a abertura dos Vigésimos Jogos Olímpicos e neste momento em que o mundo se prepara para viver durante duas semanas em união com as lutas pacíficas de que Munique irá ser o maravilhoso teatro, sou profundamente sensível à honra que me coube de tomar a palavra neste ilustre local da Academia das Ciências da Baviera e no âmbito do Congresso Científico, que o comitê organizador dos jogos teve a excelente idéia de convocar e de preparar tão bem.

Sinto esta honra principalmente como uma homenagem prestada à organização que sirvo, a UNESCO, que teve sempre a consciência do valor humano do desporto. As generosas palavras que acabamos de ouvir, proferidas pelas eminentes personalidades alemãs que nos receberam, confirmam este sentimento. Asseguro-vos, Sr. Ministro, Sr. Presidente, que essas palavras constituem um precioso incentivo para a continuação dos nossos esforços a favor de uma integração cada vez maior do desporto na educação e na cultura do homem moderno, para o desenvolvimento harmonioso da pessoa e para a compreensão mútua dos povos.

Para essa grande obra, é, na minha opinião, especialmente adequada a cooperação duma organização intergovernamental, como a UNESCO, com as organizações internacionais não governamentais, como o Comitê Olímpico Internacional, de que tenho o prazer de cumprimentar o novo Vice-Presidente, e o Conselho Internacional para a Educação Física e

Transcrito da Revista Brasileira de Educação Física. Ano 5, n. 16, 1973.

** Diretor-Geral da UNESCO.

Desporto, do qual saúdo deferentemente o distinto Presidente, o mui ilustre Philip Noel-Baker, medalha de prata olímpica, alto funcionário internacional da sociedade das nações, homem de Estado e prêmio Nobel da Paz. É sob o signo dessa cooperação que hoje desejo falar-vos sobre as relações entre desporto e educação.

As virtudes educativas do desporto não precisam de ser demonstradas. E, diante dum auditório tão esclarecido, não é minha intenção determiná-las, mas sim, depois de as evocar brevemente, interrogar-me sobre as razões que fazem com que elas não sejam exploradas tão sistemática e completamente como poderiam e deveriam ser e procurar quais as principais modificações, tanto na educação como no desporto, que é conveniente introduzir nas concepções e práticas atuais para dar ao desporto o lugar que lhe compete na formação completa do homem.

Acima de tudo, o desporto é um fator de equilíbrio no desenvolvimento geral da pessoa. Equilíbrio entre o espírito e o corpo, entre a efetividade e a energia, entre o indivíduo e o grupo. Numa civilização essencialmente intelectualista e tecnológica que concentra a excelência no cérebro e domina pela máquina, num tempo de extremismos em que abundam as distorções de toda espécie, esse fator de equilíbrio, de plenitude e de harmonia é particularmente salutar.

Por outro lado, o desporto é um jogo, isto é, uma atividade gratuita, cuja razão de ser e recompensa reside na própria realização e que não comporta outras regras senão aquelas que ele próprio estipula livremente. Neste aspecto é também um precioso corretivo para o utilitarismo estiolador da nossa época. Com efeito, para além das invenções e

O que afirmamos é particularmente verdadeiro em relação ao espetáculo desportivo. É verdade que o desporto, no seu aspecto de competição, aspecto que está intimamente de acordo com o seu caráter essencial de prova, de medida e de esforço de superação, constitui uma admirável matéria de espetáculos belos e emocionantes. Com todo o direito, faz parte da cultura dramática moderna. Mas, por outro lado, não se poderá negar que o desenvolvimento do espetáculo desportivo desviou a atenção da realidade moral íntima do desporto a favor da sua capacidade de divertimento. Divertimento é o que o desporto se tornou para as multidões reduzidas ao papel de espectadores, a quem o rádio e a televisão dispensam mesmo de uma ida ao estádio. Ora, o divertimento é o que há de mais afastado da verdadeira vida. Também vemos uma parte da juventude denunciar o desporto como um fator de alienação: a advertência merece que se tome cautela.

São estas as principais características do sucesso do desporto, embora o desviem da sua vocação educativa. Mas, com toda a imparcialidade, é preciso reconhecer que, por seu lado, os sistemas educativos não põem nenhum empenho em integrar o desporto nas suas estruturas e atividades.

Em primeiro lugar, como no tempo de Coubertin, o desporto continua a chocar-se com o intelectualismo e com o utilitarismo que, mais do que nunca e em todo o mundo, dominam a educação estabelecida. Digo bem mais do que nunca pois se trata de uma conseqüência da importância crescente da ciência e da tecnologia na nossa civilização. E digo no mundo inteiro porque a procura do desenvolvimento, que se tornou para as nações uma questão de vida ou morte, tende para a universalização desta civilização científica e técnica.

A juventude abafa sob o domínio duma formação demasiado estreita em que a prioridade concedida sistematicamente ao exercício da inteligência e, nesta, às suas capacidades e aplicações mais utilitárias deixa sem cultura as potencialidades sensibilidade física, da intuição afetiva, do sentimento estético, da expressão lúdica ou de criação artística, de que toda a gente é mais ou menos dotada, as únicas que permitem apreciar o sabor da vida. Nos programas e nos horários da maior parte dos sistemas escolares, a educação física e o desporto continuam a ser sacrificados às disciplinas da inteligência, tal como sucede a tantas ou-

tras atividades educativas essenciais, como a educação estética, a educação sexual, a educação cívica e a preparação para a vida social. É assim que desde a escola se forma o homem unidimensional. E a sociedade construída por ele à sua imagem não faz mais do que engrandecer e institucionalizar a desumanidade infeliz e cruel.

No que diz respeito aos educadores, enquanto que o ideal seria, como acontece em algumas *grammar schools* inglesas, que este e aquele professor de disciplinas intelectuais tosem também professores de jogos ao ar livre e iniciadores dum determinado desporto, praticado pela sua contribuição para a formação integral do aluno, pelo contrário, vemos os professores de educação física constituírem no conjunto do corpo docente uma categoria à parte, dotada de qualificações limitadas e de um estatuto inferior, desempenhando um papel apenas marginal tanto na educação da maior parte dos jovens como na vida do estabelecimento.

É certo que, pelo contrário, muitas universidades se especializam na excelência desportiva e procuram de preferência assegurar o concurso dos melhores treinadores, pela outorga de vantagens especiais, e a presença, entre os estudantes, dos atletas mais dotados. Mas essa inversão da hierarquia dos valores e das disciplinas, que faz dessas universidades viveiros de desportistas profissionais mais do que centros de estudo, não modifica nada a segregação fundamental do plano intelectual e físico que é propriamente o mal que importa remediar.

Finalmente, podiam fazer-se as mesmas observações a propósito das instalações desportivas nos estabelecimentos escolares e universitários. Embora se tenham realizado progressos consideráveis em todos os países, à custa, deve dizer-se, de grandes sacrifícios do Estado ou de coletividades privadas, no que se refere às dotações financeiras de que se beneficia esse equipamento, no entanto, este continua a ser raramente inteiriado na estrutura e na vida do conjunto da comunidade educativa, como nos modelos excepcionais de Eton e de Rugby, de Oxford e de Cambridg. Ora, é necessário que o campo de jogos, o ginásio, a sala de basquetebol ou de esgrima, a piscina e a pista estejam em relação de simbiose com a sala de aula e de estudos, o laboratório e a biblioteca, como o teatro-cinema e a sala de clube, de modo a poder passar-se facilmente de um a outro destes universos, destas diversas facetas de cada indivíduo, cuja síntese compõe a pessoa humana. E acabemos com o

hipócrita **álibi** do pátio de recreio, esse claustro sem oração, prisão da inocência, onde se quebra tanto **élan vital** ou se despende inutilmente.

Perante essa situação, de que, evidentemente, forcei a descrição para simplificar, impõe-se uma reação no sentido da abertura recíproca e da interpenetração dos sistemas educativo e desportivo. Creio que, por parte da educação, as circunstâncias se apresentam favoráveis neste aspecto. Estou menos certo que aconteça o mesmo em relação ao desporto. Mas, de qualquer modo, é certo que nada se fará se homens responsáveis, que sejam também homens de visão, capazes de inspiração imaginativa e de conquistar a simpatia do público, especialmente das gerações novas, não tomarem, de um e doutro lado, disposições resolutamente inovadoras. É pensando nessa eventualidade, para a qual faço votos e para a qual estou pronto, por minha parte, a comprometer-me com a energia e com a audiência de que possa dispor, que queria apresentar-vos algumas observações e reflexões que tenho no coração.

Disse que, pelo lado da educação, o momento era favorável. A primeira razão é que em quase todos os países predomina o sentimento, tanto por parte da opinião pública e dos políticos como dos técnicos e dos especialistas, para não dizer dos estudantes, que se impõem revisões e novas orientações nos sistemas educativos atuais. Eu partilho esse sentimento. E a expressão "crise de educação", ainda que se use a torto e a direito, não me mete medo. Creio que está em gestação um novo modelo humano e penso que uma mutação é necessária para pôr a humanidade em situação de resolver de maneira adequada, pelo menos por algum tempo, os terríveis problemas postos pelos desequilíbrios, pelas injustiças e pela aceleração incontrolada do seu próprio progresso. Isso exigirá, seguramente, muitos esforços e tempo, visto que os problemas se põem agora à escala do planeta e, dada a nova solidariedade que liga os diversos focos de civilização no mundo, exigem soluções simultaneamente pluralistas e coordenadas. Sem dúvida que será necessário o esforço de várias gerações para franquear a barreira, tal como aconteceu no Ocidente, quando se passou do modelo antigo ao modelo cristão ou ainda do homem gótico ao homem clássico. Mas parece-me que estamos desde já envolvidos nesse processo e, se, pela nossa parte, não estamos destinados a ver o seu termo, podemos, no entanto, fazer muito para facilitar aos nossos sucessores o caminho do êxito.

Neste aspecto, está a delimitar-se certo objetivo e certo contributo. O

objetivo é a realização do homem na sua multidimensionalidade. O contributo é a educação permanente. Não é altura de nos alargarmos sobre estas noções. Limitar-me-ei a dizer que inspiram desde agora o conjunto da ação da UNESCO, em matéria de educação. Quero somente assinalar em que é que elas oferecem novas possibilidades de integrar o desporto na educação. A procura de um modelo educativo multidimensional — que se não deve confundir com a multiplicidade, simultânea ou sucessiva, de opções seletivas que se excluem mutuamente, nem com a acumulação de múltiplas disciplinas levada até ao cansaço — é a retomada moderna do movimento humanista que levou a educação aos seus maiores êxitos: os que deram ao homem os meios de auto-domínio e de realização harmoniosa. Nesta perspectiva, a educação consiste menos na aquisição de conhecimentos e de técnicas, visando a uma particular eficácia intelectual ou física, do que no desenvolvimento das atitudes e das aptidões polivalentes que permitam uma realização autêntica da pessoa. Trata-se essencialmente de "aprender a ser", segundo a bela expressão que a Comissão Internacional da UNESCO sobre o desenvolvimento da educação, presidida por Edgar Faure, deu como título ao seu relatório.

Um tal conceito de educação não poderá, evidentemente, acomodar-se com a orientação estritamente intelectualista e utilitária que caracteriza ainda a maior parte dos sistemas educativos, que eu disse constituir um dos principais obstáculos à penetração do desporto no meio educativo. Deve levar, num prazo mais ou menos breve, a uma profunda transformação na economia dos programas escolares assim como ao desenvolvimento progressivo do aluno e do estudante. Exige também um novo tipo de relação, no seio do processo educativo, entre o educador e o educando, os quais devem ser considerados ambos, apesar da diferença de funções, como agentes de uma mesma procura de si e de outrem, para um enriquecimento recíproco. E, entretanto, exige um novo tipo de educador, mais próximo do iniciador do que do instrutor.

É impensável que nesta profunda refundição da educação, a educação física e o desporto não encontrem o seu verdadeiro lugar. Constituem elementos demasiado importantes do equilíbrio e da plenitude da pessoa e oferecem à nova pedagogia muitas possibilidades de animação ativa para serem negligenciados. É necessário ainda, é certo, que aqueles que têm a seu cargo essa formação tomem consciência do movimento de renovação educativa que se propaga através do mundo e se elevem

ao nível das circunstâncias. Chegou o momento de mostrarem, eles também, que são mestres no sentido exato do termo, isto é, portadores de mensagens e demonstradores de exemplos capazes de modelar a vida.

Falei de educação permanente. E, com efeito, essa educação multidimensional, dedicada a aprender a ser, não tem sentido e não pode mesmo concretizar-se a não ser no âmbito de um esforço co-extensivo simultaneamente à totalidade da comunidade e à duração da existência do indivíduo. Essa perspectiva é cada vez mais aceita e acaba de se manifestar recentemente na terceira Conferência Internacional da UNESCO sobre a Educação dos Adultos, em Tóquio.

Sem dúvida, estamos ainda longe de assumirmos todas as implicações e mais ainda de realizar as condições da sua aplicação efetiva. Mas, a partir de agora, compreende-se que se deverão dar modificações radicais na organização do sistema educativo, no que se refere especialmente às prioridades que regem a planificação dos esforços e a repartição dos recursos, às estruturas governamentais e administrativas e, finalmente, às próprias instalações educativas.

No que diz respeito à repartição dos recursos, penso que se irá para um aumento da percentagem atribuída à educação dos adultos em relação à dos jovens, que até aqui reteve exclusivamente a atenção. E é a ocasião de lembrar que nada é mais falso do que acreditar que o desporto é apanágio da primeira juventude, como se tem acreditado muitas vezes por influência do prestígio da alta competição, especialmente em algumas disciplinas. Jean Borotra, que tenho o prazer de ver entre nós, constituiu um prestigioso exemplo.

Quanto às estruturas governamentais e administrativas, importa que os serviços responsáveis pela juventude e desportos deixem de formar, como sucede em muitos países, um sistema fechado, freqüentemente muito politizado, para se integrarem abertamente quer no sistema educativo, a que chamarei estabelecido, isto é, escolar ou universitário, quer no sistema de cultura e de comunicação, subentendendo-se que um e outro, embora atualmente distintos, fazem parte de um mesmo conjunto e que um dia será necessário realizar a unidade fundamental.

Quanto às instalações educativas, põe-se sobretudo o problema da fun-

ção e da organização da universidade e da escola. A este propósito, declaro que não me incluo no número daqueles que afirmam que essas instituições, preciosa herança respectivamente do espírito mediterrânico e religioso da Idade Média muçulmana e cristã e da idade industrial, fizeram o seu tempo e devem ser postas de lado. Penso firmemente que devem ser conservadas, mas é claro que é necessário reformá-las profundamente, abrindo-as para todos os aspectos, necessidades e aspirações da sociedade moderna e integrando-as num sistema amplo e maleável de educação total e permanente. Acima de tudo, é necessário que esses estabelecimentos deixem de ser universos fechados à margem da vida real — **ghettos** — como alguns dizem, não sem exagero. É isso que está em vias de se realizar em relação à universidade, é isso que se deve realizar também na escola primária e secundária.

É também indubitável que essa transformação, que deverá fazer dos estabelecimentos escolares e universitários centros de vida comunitária reunindo jovens e adultos, misturando o estudo, a vida e o jogo numa simbiose de investigação e de realização cultural, abrirá ao desporto novas possibilidades no seio da educação. Finalmente, por-se-á termo a uma absurda dualidade de sistemas que muitas vezes se ignoram: por um lado, a educação física e o desporto escolar e universitário, por outro, o desporto e as atividades ao ar livre. Poderia fazer-se a economia de instalações desportivas dispendiosas que só funcionam para uma parte da população durante uma parte do tempo, como esses campos de jogos e essas piscinas que fecham no verão sob o pretexto de serem férias ou esses imensos estádios que só abrem para o espetáculo no sábado ou no domingo. Acabar-se-á com os clubes em que os jovens encontram treinadores desejosos de **performances**, mas onde raramente encontram educadores preocupados com o homem integral. Acima de tudo, acabar-se-á com a fragmentação da comunidade e da pessoa e com as frustrações e as rupturas de equilíbrio que acompanham sempre aquilo que é incompleto. Saberá o desporto aproveitar as ocasiões que assim se lhe oferecem para a profunda reforma da educação que principia? Saberá, enfim, desempenhar plenamente a sua função na formação individual e social do homem? Não estou tão certo disso como gostaria de estar, porque, para isso, é necessário que também o desporto se reforme e não menos profundamente, por duplo processo de retorno às fontes e de invenção contínua. Permiti-me que indique algumas direções em que, na minha opinião, se devia orientar prioritariamente essa reforma.

Acima de tudo, importa que os responsáveis pelo desporto, encarregados de organismos governamentais ou não governamentais, concedam um lugar maior nas suas preocupações e objetivos, no plano nacional e internacional, a tudo aquilo que eu inicialmente evoquei como sendo a capacidade educativa do desporto, que é a sua verdadeira realidade humana, e se preocupem menos com o espetáculo que, em si próprio, deveria destinar-se a evidenciar um sentido moral, como o pretendia o fundador dos Jogos Olímpicos modernos. O sucesso do espetáculo desportivo, a importância que assumiu nos costumes infelizmente é muitas vezes explorada para fins alheios e às vezes opostos ao desporto e que são outros tantos fatores de corrupção ou de deformação: o mercantilismo, o chauvinismo, a política. Chegou o tempo de reagir e de reagir energeticamente, se se quer conservar o espírito do desporto. Chegou o tempo de escolher entre o circo romano e a palestra grega. Chegou o tempo de escolher entre a exaltação do orgulho nacional e a da fraternidade humana, entre aquilo que opõe os homens e aquilo que os une. É também necessário que o desporto retorne à natureza. A excessiva procura de proezas que exigem a realização de condições cada vez mais excepcionais, junto ao desejo de rigor que caracteriza a alta competição, sobretudo em confrontos ou em oposições internacionais, levou progressivamente a que o desporto constituísse em um universo físico próprio, por assim dizer estanque, em relação às contingências da verdadeira natureza e por isso anormal, na medida em que se procura realizar a norma abstrata. Aí reside também uma grave deformação, porque o princípio do desporto e a fonte das suas alegrias mais sãs é a restituição do corpo à sua liberdade instrutiva e, portanto, à comunhão do homem com a imensa natureza de que faz parte. Esse regresso à autenticidade e ao à-vontade físico impõe-se nos nossos dias mais do que nunca, para compensar o desequilíbrio crescente introduzido na nossa maneira de viver pelo desenvolvimento da maquinização e pelas condições artificiais de existência que predominam nos aglomerados urbanos. Na sua origem o movimento desportivo foi principalmente uma evasão dos cidadãos para o ar livre. O seu significado profético era advertir a humanidade dos perigos da civilização industrial. Não poderíamos esquecer esse aspecto altamente salutar do desporto, na medida em que parece que esta civilização destrói e polui cada vez mais o ambiente natural do homem. É necessário que o desporto não participe também no processo de desnaturação que nos ameaça. Por fim, uma última observação. O desporto, que se tornou fenômeno universal e é dotado de uma prestigiosa organização mundial, como a organização

olímpica, deve assumir as implicações desta universalidade. Quero dizer com isto que deve reconhecer e refletir na sua estrutura e manter e até desenvolver na sua ação a pluralidade das culturas que constitui a riqueza do patrimônio moral da humanidade e pela qual se exprime a sua inesgotável liberdade criadora. Para ascender ao plano universal, é necessário repudiar resolutamente todo etnocentrismo cultural: é uma das finalidades essenciais da UNESCO. Assim, não é pôr em causa o valor permanente dos desportos de origem helênica ou anglo-saxônica observar que não são os únicos no mundo cujas capacidades corporais e morais merecem ser valorizadas para fins educativos e estéticos. Não sejamos nisso prisioneiros de tradições rígidas e abramo-nos resolutamente à diversidade das possibilidades humanas. É paradoxal que os povos dotados de um sentido inato da dança, conscientes ao mais alto grau das virtudes catárticas e formadoras do jogo e em quem a cultura corporal se associa intimamente à vida da comunidade, se limitem a imitar os desportos doutras nações e precisamente num momento em que nestas se esboça um movimento a favor da libertação das formas e dos ritmos de expressão física. Seria lamentável que a introdução nesses povos de práticas desportivas estritamente codificadas se fizesse em detrimento do seu próprio valor lúdico. Já não será necessário que um desejo de prestígio internacional os incite a um esforço excessivo com o objetivo de produzir elites de alguns campeões a expensas da progressão das massas. Assim, talvez não seja quimérico formular o voto que, no âmbito ou ao lado de manifestações mundiais, como os Jogos Olímpicos, se possam um dia organizar competições com uma regulamentação menos estrita do que aquelas que conhecemos, onde se apresentam exercícios físicos e jogos originários no gênio de sociedades muito diversas. O mundo é uma imensa polifonia. A festa universal da juventude, com que sonhava Pierre de Coubertin, deve ser feita à imagem desta. A humanidade está numa fase de mutação profunda e rápida, temos consciência disso. Procura às apalpadelas o seu caminho através de destinos confusos, grandiosos e simultaneamente temíveis. A educação e o desporto não poderiam constituir exceção a essa necessidade de transformação. Muito longe de tentarem espacarlhe, pelo contrário devem contribuir para a evolução geral com toda a lucidez e com toda a generosidade que andam ligadas à sua vocação, procedendo, em primeiro lugar, às reformas que se impõem nos seus domínios. Essa tarefa capital de renovação dos sistemas propriamente ditos e da própria sociedade no seu ser global poderá ser feita tanto melhor, penso eu, se desporto e educação trabalharem em conjunto, enriquecendo-se e reforçando-se

mutuamente com as suas experiências e os seus recursos. Tal é pelo menos o espírito com que a UNESCO encara esses problemas e pede

a colaboração de todas as organizações e de todas as pessoas de boa vontade que partilham da sua fé no Homem e se dedicam, como ela, ao seu serviço.